

Rolf Kemmler, Tübingen

## Ensino da Ortografia, Cursos de Língua e Discussão de Normas no Portugal dos séculos XVIII/XIX: a *Academia Orthográfica Portuguesa*<sup>1</sup>

### 0 Introdução

Uma ocupação com a história da ortografia de uma língua costuma ser feita através de manuais e de textos de reformas. Numa tal ocupação com textos, que na maioria das vezes são impressos e não-oficiais, coloca-se forçosamente a questão: qual é a relação entre a grafia exigida pelo autor e a língua escrita ou falada na realidade? É precisamente na área da ortografia portuguesa que isso dificilmente pode ser constatado. Há sem dúvida trabalhos que dum maneira mais ou menos lata se dedicam à questão, mas uma análise abrangente de várias épocas de forma suficiente ainda está longe de ser realizada<sup>2</sup>.

Também nós não conseguimos realizar esta tarefa, nem é essa aqui a nossa intenção. Antes, temos a intenção de tentar preencher de maneira mais nítida possível uma lacuna bibliográfica ao chamar a atenção para a *Academia Orthográfica Portuguesa*<sup>3</sup>, que surgiu em finais do século XVIII, e que, devido à sua popularidade, talvez possa apresentar um passo em frente nesta direcção. Não se tratará a seguir tanto de uma ortografia concreta, como do tratamento dela: achamos por agora necessária uma aproximação bibliográfica, já que as obras importantes mais recentes que se dedicaram à história da ortografia portuguesa não se referem a este capítulo<sup>4</sup>. Devido ao facto de serem tão poucas as informações que temos sobre o assunto, achamos que não podemos deixar de fazer uma breve menção aos textos que se ocupam expressamente da *Academia Orthográfica Portuguesa*:

---

<sup>1</sup> A versão original deste trabalho, escrita em alemão, foi apresentada nas primeiras jornadas da Associação Alemã de Lusitanistas (DLV) em Berlim (7 a 9 de Setembro de 1995), sendo publicada nas *Actas* deste congresso (cf. Kemmler 1996). Não se trata, porém, aqui de uma mera tradução, senão de uma actualização de um trabalho apresentado há já bastante tempo. Os nossos agradecimentos vão para Klaus Böckle (Universidade de Tübingen) a quem se devem muitas indicações valiosas para a redacção deste artigo, a José Fernando da Silva Andrade e Henrique de Castro Pacheco que outra vez tiveram a grande bondade de rever mais um trabalho nosso quanto à correcção linguística.

<sup>2</sup> Para estudos de teor grafemático-fonológico sobre o português da Idade Média adiante só queremos indicar as seguintes obras: Maia, Clarinda de Azevedo: *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Linguística — 9, Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1986; Dominovich, Ruth.: *Portuguese orthography to 1500. (A dissertation in romance languages. presented to the Faculty of the graduate school in partial fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy)*. Philadelphia, 1950. Uma descrição concisa e nítida da passagem à escrita da Idade Média até à contemporaneidade encontra-se em Winkelmann, Otto: Portugiesisch: «Geschichte der Verschriftung». In *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, Herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt. Band VI, 2, *Galegisch/Portugiesisch*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1994, pp. 472-498. Para os tempos mais recentes é-nos conhecido o trabalho seguinte: Marquilhas, Rita: *Norma Gráfica Setecentista. (Do autógrafo ao impresso)*. Linguística — 14, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1991. Note-se que aqui se trata sobretudo da relação entre a grafia no manuscrito de imprensa e a grafia tipograficamente relativamente normalizada da obra impressa. Do tempo mais recente temos: Meisenburg, Trudel: *Romanische Schriftsysteme im Vergleich: Eine diachrone Studie*. ScriptOralia 82, Gunter Narr Verlag, Tübingen, 1996; para o português, cf. o capítulo extenso n.º 5, pp. 275-364. Para além disso, existe ainda outro trabalho que oferece uma análise grafemática de textos do século XVI: Chândana-Schlede, Simona: *Untersuchungen zur Graphematik portugiesischer Texte des 16. Jahrhunderts*. Kölner Romanistische Arbeiten, Neue Folge, Heft 72, Genève: Librairie Droz, 1995.

<sup>3</sup> A seguir, reproduziremos a grafia que encontramos nos textos originais.

<sup>4</sup> Assim, tempos nos últimos tempos p.ex. Castro, Ivo; Duarte, Inês; Leiria, Isabel (Organizadores): *A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*. 1.ª/2.ª Edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1987; Alves, Manuel dos Santos: *O Novo Acordo Ortográfico*. Universitária Editora, Lisboa, 1993.

Silva, Inocêncio Francisco da: *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Tomo Quarto*. Na Imprensa Nacional, Lisboa, 1860. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, s.d.<sup>5</sup>. idem, *idem: Tomo Decimo (Terceiro do suplemento) H-J*. Na Imprensa Nacional, Lisboa, 1883. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, s.d.<sup>6</sup>. idem, *idem: Tomo Decimo Primeiro (Quarto do suplemento) Primeiros Guias dos Tomos I a X*. Na Imprensa Nacional, Lisboa, 1884. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, s.d.<sup>7</sup>

Vasconcelos, [José Augusto do Amaral] Frazão de: «Ortografistas portugueses dos séculos XVI e XVIII». Separata de *A Língua Portuguesa*, Vol. III, Fascículo VIII, 1933<sup>8</sup>. (cf. também a recensão da comunicação no *Diário de Notícias* de 6-V-1931, n.º 23 441, p. 9).

Machado, José Pedro: «Um trabalho desconhecido (?) da Academia Ortográfica Portuguesa». In *Revista de Portugal, Série A - Língua Portuguesa*, Vol. XXVII, 1962, pp. 17-25.

Machado, José Pedro: «Academia Ortográfica Portuguesa». In *Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, Série IV, Ano XXVIII, n.º 1, Jan.º - Fev.º - Março de 1977, pp. 25-26, 35<sup>9</sup>.

Freeman, Ludmila Cermak: *A history of portuguese orthography since 1500: (A dissertation in the department of romance languages. Presented to the Faculty of the graduate school of Arts and Science of the University of Pennsylvania in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy)*; (Philadelphia, 1965) Ann Arbor, University Microfilms International, Reprint, 1986<sup>10</sup>.

Bourdon, Albert-Alain: «Orthographe et politique sous la première République portugaise». Separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, Vol. X, 1976, pp. 261-300<sup>11</sup>.

---

<sup>5</sup> Silva (1860 et post.: 21): «*João Pinheiro Freire da Cunha, Professor de Grammatica Latina e Portugueza em Lisboa, sua patria. Instituiu em 1772 uma sociedade com o titulo de Academia Orthographica (sic), que durou por mais de trinta annos, e d'ella existe memoria em alguns trabalhos impressos. - N. a 23 de Abril de 1738, e ainda vivia em 1811, falecendo provavelmente n'esse anno, ou pouco depois*» (segue-se uma bibliografia que de forma alguma é completa).

<sup>6</sup> Silva (1883 et post.: 331s.): «*João Pinheiro Freire da Cunha, (...) Morreu com setenta e dois annos em junho de 1811 (sic). - Encontram-se especies importantes para a sua biographia nas Memorias da academia orthographica portugueza*» (seguem-se mais informações bibliográficas).

<sup>7</sup> Silva (1884 et post.: 302). Há só mais uma informação bibliográfica.

<sup>8</sup> Vasconcelos (1933: 7s.): «*Para remate, citaremos João Pinheiro Freire da Cunha, talvez o mais entusiasta ortografista de seu tempo - professor de gramática latina e de português, nascido em 1738, autor de um Breve tratado de orthographia (sic) para os que não frequentaram os estudos, que teve várias edições no século XVIII e no começo do século seguinte. Este ortografista não se limitou a escrever tratados; fêz mais: instituiu uma sociedade com o título de «Academia Orthographica» (sic), que durou cêrca de trinta annos. Nela se professava, ao que parece, um curso de ortografia, realizando-se a abertura solene do mesmo na ante-sala do Senado da Câmara (...)*»

<sup>9</sup> Os dois artigos de Machado, textualmente vistos, constituem o tratamento mais amplo da *Academia Ortográfica Portuguesa*. Mas neles o autor reproduz sobretudo as indicações de Inocêncio e também, no primeiro artigo, o texto das *Proluções da Grammatica Portugueza* (1787). Ele contudo não parece dispor de informações que fossem para além do exposto.

<sup>10</sup> Freeman (1985 [1965]: 86s.): «*José Pedro Machado's research brought to light an important work of the founder of the Academia Orthographica [sic], João Pinheiro Freire da Cunha, who advocated the phonetic approach to orthography. In the Proluções de Grammatica Portugueza (1788), reproduced by Machado, we read a criticism of the use of k and ch for (k), and y, -ct-, etc. One of his important recommendations was the following: «Os Infinitivos compósitos com o artigo, v.g. Amálo, Recebêlo, Repartillo, Sc. não devem ter dois ll, nem escrever-se com divizão, assim: Amá-lo, Sc.» Freire da Cunha was aware of the non-consonantal value of final m in am and recommended the use of ao (sic) in final positions. This proponent of a simplified system of orthography also advocated the use of s instead of z in the final position of family names.»*

<sup>11</sup> Na breve menção que Bourdon faz da *Academia Ortográfica*, parece reproduzir apenas o que nos foi transmitido por Inocêncio.

Existe outro trabalho recentíssimo, posterior ao nosso artigo, aliás, que menciona a *Academia Orthográfica Portuguesa*, embora o autor pareça não atribuir à organização o papel importante de que nós julgamos que ela o tem, vistas as suas várias actividades:

Neves, Pedro Almiro: *A Escolarização dos Saberes Elementares em Portugal nos Finais do Antigo Regime. (1772-1820)*. Instituto Superior da Maia, Série Estudos e Monografias, Maia, 1996<sup>12</sup>.

A impressão com que ficamos é que a *Academia Orthográfica Portuguesa*, nos seus mais de duzentos anos desde a sua fundação, parece ter passado praticamente despercebida, se deixarmos de lado os casos acima referidos que se baseiam sobretudo em Inocêncio ou no achado accidental por parte de Machado<sup>13</sup>. É exactamente aqui onde nós queremos iniciar as nossas investigações ao tentar expor o que sabemos sobre a organização e seu fundador. Parece-nos importante apresentar esta associação de uma maneira bio-bibliográfica porque os vários aspectos da sua vida se encontram documentados nos textos que chegaram até nós. Convém dizer em todo o caso que ela, pelo menos no tempo da fundação, senão durante todo o tempo da sua existência, foi única em Portugal<sup>14</sup>.

Mas antes umas breves aporções sobre o ambiente histórico-cultural da época: não obstante a língua portuguesa já possuir uma tradição escrita de mais de quinhentos anos, o latim continuava a ser a língua predominante no sistema escolar. Uma causa deste facto deverá ser que os jesuítas dominaram a escolaridade no Portugal da modernidade. Eram, por isso, não só as ideias pedagógicas, mas também os livros escolares dos jesuítas que se impunham sobre todo o ensino, especialmente sobre o ensino das línguas. Deste modo, o manual linguístico mais importante não foi uma gramática portuguesa, mas sim a gramática latina de Manuel Álvares (<sup>1</sup>1572 - <sup>25</sup>1755)<sup>15</sup> e as obras de seus epígonos<sup>16</sup>. No século XVIII, voltou a ser discutida a exigência feita por João de Barros (1540) de fazer preceder a aprendizagem do latim de estudos sistemáticos do português: na sua obra *Verdadeiro Metodo de Estudar* (1746), Luís António Verney insistiu em que a língua vernácula devia ser aprendida antes da estrangeira<sup>17</sup>.

Apesar de as propostas de Verney serem polémicas, só foram parcialmente postas em prática a partir de 1759. Neste ano foram iniciadas as primeiras reformas do sistema educativo pelo Marquês de Pombal e o uso dos manuais linguísticos dos jesuítas acabou por ser

<sup>12</sup> Neves (1996: 172ss.) menciona a *Academia Orthográfica Portuguesa* no âmbito de um quadro descritivo de várias instituições de ensino particular que existiam na altura. No caso da *Academia Orthográfica Portuguesa* não podemos concordar com a sua inclusão algo simplista neste quadro, porque desta maneira o autor não faz justiça à complexidade da organização. É ainda estranho que o ilustre historiógrafo não inclua na sua bibliografia (idem, *idem*: pp. 15-30) nenhuma das pelo menos nove edições do *Breve Tratado da Orthografia*, visto que o seu trabalho presta muita atenção aos manuais do ensino.

<sup>13</sup> Em 1962, Machado tinha encontrado as *Proluzões* num catálogo de uma livraria alfarrabística lisboeta e, comprado o opúsculo, publicou-o no mesmo ano (cf. idem, 1962: 17). Freeman por sua parte não chegou a ver o original e refere-se apenas à reedição feita por Machado.

<sup>14</sup> É isso mesmo que o próprio autor afirma nas folhas volantes dos anos 1804, 1807 e 1808: «(...) sua *Academia Orthográfica Portuguesa* a primeira, e ainda única neste Reino directa, e especialmente destinada á filozófica Instrucção da nossa Gramática (...)» (Pinheiro: *Abertura* 1807:1)

<sup>15</sup> Enquanto houve pelo menos 530 (quinhentas e trinta!) edições da gramática de Álvares, só 25 delas foram impressas em Portugal, cf. o quadro em Springhetti (1961-62: 304).

<sup>16</sup> Entre outras ocasiões ainda na primeira metade do século XVIII a gramática de Álvares foi comentada da maneira mais minuciosa na *Arte Explicada* em três volumes de João de Moraes Madureira Feijó (<sup>2</sup>1730/32). Face ao que já expusemos noutras ocasiões (cf., a título de exemplo, Kemmler 1996: 54), baste mencionarmos novamente quão urgente é uma verificação das edições e variantes de todas as obras linguísticas de Feijó, pois é inegável a existência de sérias divergências (sobretudo de natureza tipográfica e ortográfica) entre volumes que seriam da mesma edição, análise esta que deverá ser feita noutra ocasião.

<sup>17</sup> Verney (1949: 33): «E, na verdade, o primeiro princípio de todos os estudos deve ser a Gramática da própria língua».

proibido, sendo queimados os exemplares que foram apreendidos<sup>18</sup>. Foi estabelecida a DIRECTORIA GERAL DOS ESTUDOS incumbida da supervisão do decreto régio. A *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* de António dos Reis Lobato (1770 - 1869) foi declarada obra obrigatória no alvará régio de 30 de Setembro de 1770; obra mediante a qual deviam ser ensinados os fundamentos da gramática portuguesa durante o período de seis meses<sup>19</sup>. Afinal a REAL MESA CENSÓRIA, fundada em 1768 inicialmente apenas para a censura, passou a ter as funções da autoridade escolar, sendo uma das funções do organismo a promoção da escolaridade no país<sup>20</sup>. É neste contexto que em 1772 surge a *Academia Orthográfica Portugueza*, fundada por João Pinheiro Freire da Cunha, vulgarmente conhecido como Pinheiro.

## 1 Sobre a pessoa

João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811?) nasceu a 23 de Abril de 1738 em Lisboa, e sendo filho<sup>21</sup> do mercador João Pinheiro Freire e sua esposa Josefa Caetana da Cunha foi baptizado a 3 de Maio na freguesia de Santa Engrácia<sup>22</sup>. Andou nas escolas Real Collegio de Santo Antão (por volta de 1746) e Real Collegio de São Patrício (1753). No dia 24 de Março de 1754, entrou na carreira de cônego secular da ordem de S. João Baptista no mosteiro beneditino de Xabregas e adoptou o nome de João de Santa Maria Pinheiro. Em Outubro do mesmo ano, iniciou na Universidade dos jesuítas em Évora os seus estudos de filosofia, formando-se depois do terceiro ano do curso.

Feitos estes estudos iniciais, o clérigo, ordenado já desde 1756, começou a estudar teologia na Universidade de Coimbra. Mas não foi muito mais de um ano que ficou nestes termos<sup>23</sup>. Depois de terminados os estudos — ainda ignoramos porquê —<sup>24</sup>, em 1 de Fevereiro

<sup>18</sup> Este facto é muito bem ilustrado pelo artigo de Telmo Verdelho (1982).

<sup>19</sup> Lobato (1814: III). Enquanto Schäfer (1993: 279) ainda não conhecia nenhum exemplar da primeira edição da gramática de Lobato, considerando 1770 como data provável, hoje já não persiste duvida de que esta é mesmo a primeira edição: dum lado, conseguimos pessoalmente ver um exemplar de 1770 na biblioteca particular dos Doutores Evelina e Telmo Verdelho (Universidades de Coimbra e de Aveiro); do outro lado, em 1996, foi apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro a tese de doutoramento (ainda inédita) de Carlos da Costa Assunção na qual ele não só estabeleceu a cronologia de todas as edições entre a primeira (1770) e a última edição que conseguiu encontrar (1869), mas também apresentou muito ampla documentação sobre todos os assuntos relacionados com esta obra e fazendo até uma edição crítica das primeiras edições. Convém realçar, como fez o próprio autor, que o número das edições encontradas até hoje não se pode considerar definitivo, mas será antes sujeito a modificações à medida que futuramente forem encontradas outras edições ou variantes da obra.

<sup>20</sup> Carvalho (1986: 454).

<sup>21</sup> Na Chancelaria de D. José existe uma *Carta de legitimação*, na qual Pinheiro, que na altura tinha quinze anos, é reconhecido como filho legítimo do casal, tendo assim todos os direitos de um herdeiro legítimo. Coloca-se a pergunta de se ele foi mesmo o filho legítimo do casal ou se esta carta não deveria servir somente para possibilitar a frequência dele do Colégio de Évora. Poderia ser igualmente interessante que o autor das *Memórias* afirma que Pinheiro seria «oriundo da província interamnense». Dado que os pais dele, seguindo a entrada no registo dos baptizados, tinham sido igualmente baptizados em Lisboa, esta origem parece duvidosa, a não ser que se referisse aos avós - ou será que ele, contrário ao que diz a entrada no livro dos baptizados, não teria sido legítimo?

<sup>22</sup> Até agora, não obstante as mais variadas tentativas, não nos foi possível encontrar muitos documentos originais sobre a vida de Pinheiro. Através dos documentos que temos presentes, como p.ex. a entrada no livro dos baptizados, que coincidem com as datas que nos indica Francisco Pinheiro Freire da Cunha (será o filho de Pinheiro?) nas *Memórias* (1804) achamos ser lícito julgar fidedigna esta crónica de que até agora lamentavelmente só encontrámos um exemplar muito incompleto. É por isso que nos apoiaremos nela onde (de momento) nos faltam mais elementos.

<sup>23</sup> Segundo os livros de matrículas da Universidade de Coimbra (1758/59 e 1759/60) Pinheiro no primeiro ano do curso, apresentou-se sob o nome de João de Santa M a r i a Pinheiro para fazer todas as três matrículas. No segundo ano, ele aparece só no primeiro trimestre e sob o nome de João de Santa M a r t h a Pinheiro (as indicações restantes sobre a sua pessoa estão correctíssimas) e já não apareceu para fazer a segunda matrícula.

de 1760 saiu da ordem para no mês de Maio do mesmo ano fazer as provas de gramática latina junto da DIRECTORIA GERAL DOS ESTUDOS<sup>25</sup>. Devido a este exame, era autorizado a ensinar as línguas latina e portuguesa.

## 2 A Academia Orthográfica Portuguesa

Depois de Pinheiro ter passado a ser professor de línguas desde 1760<sup>26</sup>, fundou no ano de 1772, na sua terra pátria de Lisboa, a *Academia Orthográfica Portuguesa*. De facto, esta academia parece ser menos importante por causa de uma ortografia que mereça destaque, senão por aquilo que de publicações chegou até nós (a maior parte delas escritas por Pinheiro), fornecendo-nos informações interessantes sobre a organização.

### 2.1 Ensino de ortografia e de gramática

Um verdadeiro «filho espiritual» das reformas pombalinas, Pinheiro reconheceu que para a utilização diária da língua era imprescindível dominar não só a escrita dela, mas também dispor pelo menos de conhecimentos elementares da gramática portuguesa, o que ele considerava de especial importância para os que iriam aprender a gramática latina. Esta exigência já referida da prevalência da língua portuguesa é uma ideia que aparece em todos os séculos de gramaticografia portuguesa. Pinheiro via-se portanto na tradição dos gramáticos Barros (1540) e Roboredo (1619), mas também de outras personagens<sup>27</sup>. Mas é o facto de tentar sintonizar o texto metaortográfico com o público que não dispunha de conhecimentos de latim que destaca como inovativo o nosso ortógrafo. Foi exactamente este defeito que Pinheiro segundo Cunha: *Memórias* (1804: 7) criticava nas ortografias anteriores, nomeadamente « (...) *que os nossos Authores da Orthografia, aindaque (sic) de incomparavel merecimento, nunca dirigiraõ ao proposto Fim as suas Regras, e so as combináraõ para, quem tivesse o antecedente conhecimento da Grammatica Latina, nem foraõ públicos Professores da Grammatica Nacional, e Artes, que escreveraõ*».

A ortografia propagada pela *Academia Orthográfica Portuguesa* movimenta-se geralmente dentro do que costumamos conhecer da literatura metaortográfica da época. Afirmar de Pinheiro que «*he advocated the phonetic approach to orthography*», como o faz Freeman (1986 [1965]: 86) não nos parece sustentável face à nossa ocupação com a obra de Pinheiro e com o texto metaortográfico em geral: nota-se antes uma tendência para a *Ortografia usual* que dominaria o século XIX do que a predominância de princípios fonográficos. De qualquer maneira, as ideias ortográficas de Pinheiro, tal como os outros

Cunha: *Memórias* (1804: 3) afirma que o nome dele, enquanto congregado, tenha sido João de Santa M a r t h a Pinheiro.

<sup>24</sup> Acharmos que uma razão possível possa ser a expulsão dos jesuítas junto com a incerteza geral para todas as ordens religiosas. Assim, Pinheiro teria abandonado a via religiosa devido aos riscos que esta situação colocava à carreira e a sobrevivência dele como clérigo.

<sup>25</sup> Cunha: *Memórias* (1804: 3).

<sup>26</sup> O *Mapa das licenças da Gramática Latina concedidas a Mestres Particulares* apresentado por Andrade (1984: 623-685) dá-nos mais informações sobre as actividades de Pinheiro durante o período entre 1760 e a publicação do *Breve Tratado* (1769): assim, a 5 de Julho de 1760 Pinheiro recebeu a licença por um ano de Mestre Particular (Lisboa, freguesia de Santa Engrácia), a 17 de Outubro de 1761 e a 24 de Outubro de 1763 por dois anos cada vez (Lisboa), a 11 de Dezembro de 1765 por dois anos e meio (Lisboa) e, finalmente, a 19 de Novembro de 1768 por mais dois anos (Lisboa), cf. Andrade (1984: 668, 670, 672, 674, 676). Não obstante Pinheiro ser mencionado por Andrade dentro do referido mapa, este parece ter desconhecido a *Academia Orthográfica Portuguesa*, pois em toda a sua obra monumental sobre a reforma pombalina não se encontra nenhuma referência a ela. De resto, Andrade (1984: 680) constata nas suas anotações (n.º 6): «*Como não havia outro mestre, autorizou-o, apesar do segundo mau exame, com ameaça de expulsão, se não melhorasse no 3.º*». Não sabemos qual era o exame nem em que circunstâncias teve lugar, mas temos a consciência de que este ponto noutra ocasião terá de ser esclarecido através de investigações arquivísticas.

<sup>27</sup> Cunha: *Memórias* (1804: 7).

aspectos que aqui não podemos considerar de maneira mais aprofundada, deverão ser sujeitos a ocupações mais demoradas que se seguirão à presente introdução bibliográfica.

### 2.1.1 Funcionamento, alvos e audiência dos cursos

Pinheiro tinha-se dado conta do facto de que para aquelas pessoas que queriam avançar na economia, na administração, etc., a dominação das regras, e especialmente das regras ortográficas da língua materna era de suma importância, até irrenunciável. Motivado assim, ele começou, a partir de 1772/1775, com a «*filozófica Instrucção da nossa Grammática*»<sup>28</sup>. Os cursos tinham lugar tanto à tarde como à noite e iniciavam-se — pelo menos oficialmente — em Outubro, para terminar em 31 de Agosto do ano seguinte<sup>29</sup>. Os cursos da tarde, de facto, só começavam em inícios de Janeiro e terminavam em Novembro<sup>30</sup>. Aos participantes nos cursos apresentavam-se-lhes aulas mediante as quais poderiam adquirir, de forma sistemática e científica, os fundamentos das línguas falada e escrita, assim como aprender a escrever cartas, de maneira que também a aprendizagem de línguas estrangeiras não devia colocar mais problemas<sup>31</sup>.

Para que o fim de Pinheiro, de uma divulgação máxima possível da educação, pudesse ser alcançado, admitiam-se adultos, crianças e adolescentes, já antes elementarmente formados no ensino público<sup>32</sup>, mas também os restantes elementos de todas as camadas sociais. Era um certo obstáculo o montante da taxa que se deveria pagar, só uma vez, à entrada na associação: 7\$200 Réis<sup>33</sup> (1797), 9\$600 Réis (1804) e 14\$400 Réis (1807, 1808)<sup>34</sup>. Para evitar que as finanças obstruíssem a entrada de interessados, existia a possibilidade de pagar em mensalidades: cada mês pagar-se-iam 2\$400 Réis (1797: 1\$200 Réis) até ao

<sup>28</sup> Cf. Avizo (1787), Pinheiro: *Abertura* (1797: 1), Pinheiro: *Abertura* (1804), Pinheiro: *Abertura* (1807: 1). Mas *Advertencia* (1794): «*filozófica Instrucção na Grammática, e Estilo da nossa Linguagem*».

<sup>29</sup> *Declaração* (1808).

<sup>30</sup> Pinheiro: *Abertura* (1807: 4): «*O Tempo Lectivo principia em Outubro; porém as Conferências do seu respectivo Curso destinadas a fazerem-se de tarde sómente começam a sete de Janeiro continuando até ao fim de Novembro*».

<sup>31</sup> Pinheiro: *Abertura* (1807: 1): «*Nesta applicação, e exercício Systemático (póstas em praxe todas as suas Regras pela mais exacta Regência) ficaõ scientificamente instruidos os Nacionaes, aindaque não sejaõ Latinos, em falar, e escrever com toda a correcção, e certeza, manejando depois doutos, e eloquentes a Lingua Materna, apromptando-se perfeitamente, ou para Empregos da República, sociedade das gentes, e mais trato Civil (como fazem as outras Nações cultas, e polidas) ou para aprenderem com sólida brevidade as Linguas Latina, Franceza, Ingleza, ou quaesquer outras estranhas, a que pertenderem applicar-se, como se tem feito certo pela experiência de trinta, e hum annos, em que tantos sujeitos se tem plenamente utilizado*».

<sup>32</sup> Pinheiro: *Abertura* (1807: 2): «*Desenganem-se os Pais de Famílias, e não queiraõ privar seus Filhos das grandes vantagens, que similhante Preliminar Instrucção lhes confere, logo depois de sahirem das Escolas de Ler, e Escrever, semque (sic) lhes fique damnóza a insignificante demora de mais alguns mezes deste exercício para os diversos destinos, a que se propuzerem, pois não he incompativel (antes muito louvavel) em qualquer emprego da vida o ser perfeitamente instruido cada hum naquella Linguagem, que fala por natureza. Sómente aprendendo os Meninos os preceitos, e regras certas da sua Lingua, he, que poderã evitar os geraes, e transcendentos erros, vícios, e abuzos, de que a popular ignorância se acha inficionada*».

<sup>33</sup> Para comparar os preços: a 5.<sup>a</sup> edição (1778) do *Breve Tratado*, encadernada, vendia-se por 240 Réis. No ano de 1797 a respectiva 7.<sup>a</sup> edição (1792) custava 400 e encadernada 480 Réis.

<sup>34</sup> Pinheiro: *Abertura* (1797:2 [7\$200 Réis], 1804 [9\$600 Réis], 1807:2s.): «*Todo o sujeito que (...) intentar ser admittido á nossa Academia, attendida a differença dos tempos, gratificará á sua acceitação com 14\$400 réis logo á entrada (e por huma vez sómente, como sempre foi costume) semque a este respeito por outro qualquer título haja de ter mais algum dispêndio em todo o tempo, que pertender frequentála, quando não desmereça pessoalmente a continuação da nossa Sociedade*»; *Declaração* (1808): «*(...) 14400 réis, com que por huma vez sómente deve cada hum dos Senhores gratificar a sua Acceitação, quando dezeje ser admittido á mesma Sociedade*».

pagamento da dívida. Aqueles que não dispunham de absolutamente nenhuns meios para desembolsar a taxa de adesão até podiam ser admitidos gratuitamente<sup>35</sup>.

As pessoas que não podiam ou não queriam participar nas lições dentro das várias salas da *Academia Orthográfica Portuguesa* dispunham da possibilidade de ensino no domicílio, tendo estas de pagar segundo um sistema de vales, em dependência da distância, entre 4\$800 e 6\$400 Réis por cada dúzia de vales. Professores, fossem do ensino primário ou professores estrangeiros de línguas estrangeiras, sob a condição da cooperação académica, podiam assistir às aulas sem pagar qualquer contribuição financeira.

Se podemos dar fé nas palavras proferidas por Cunha: *Memorias* (1804: IV), a *Academia Orthográfica Portuguesa*, organizada da maneira exposta, entre 1772 e 1804 (neste ano teve lugar o vigésimo nono curso) foi frequentada por mais de seis mil alunos, o que mesmo com estimativas mais modestas, e considerando que só uma ínfima percentagem da população sabia ler e escrever, é um número considerável.

### 2.1.2 Publicidade para promover os cursos da *Academia Orthográfica Portuguesa*

Ao contrário do que acontece com uma escola ou instituição do ensino convencional, é de máximo interesse que a *Academia Orthográfica Portuguesa* não se limitava a confiar no concurso «natural» de alunos. Antes, os cursos iminentes eram anunciados através de folhas volantes, as quais, especialmente hoje, constituem uma fonte importantíssima de conhecimentos sobre a *Academia Orthográfica Portuguesa*:

*AVIZO INTERESSANTE / A NACIONAES, E ESTRANGEIROS. // Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o / Exame, e Censura dos Livros. s.l., s.d. [= 1787] ([I] p; obra citada como Avizo [1787])<sup>36</sup>.*

*ADVERTENCIA. s.l., s.d. [= 1794] ([I] p.; obra citada como Advertencia [1794])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ABERTURA / DO / VIGÉSIMO SEGUNDO CURSO / DA / ACADEMIA ORTHOGRÁFICA PORTUGUEZA / DE / PINHEIRO / INTERESSANTE A NACIONAES, E ESTRANGEIROS / NAS DUAS SALAS DAS SUAS CONFERENCIAS: DE MANHÃA, E Á NOITE NA RUA NOVA / DE ELREI JUNTO Á LOJA DOS CONRADOS, E DE TARDE NA RUA DE S. BENTO / LOGO ABAIXO DA TRAVESSA DO POMBAL. /// [Lisboa] Na Of. de Antonio Gomes. 1797. Com licença da Meza do Desemb. do Paço. ([III] pp.; obra citada como Pinheiro: *Abertura* [1797])<sup>37</sup>*

<sup>35</sup> *Declaração* (1808): «Aos de todo indigentes levada do Patriotismo, que a inflamma, os acceita gratuitamente, porque não he justo, que experimentem na falta dos meios tambem a da Instrucção em Matéria taõ util».

<sup>36</sup> A seguir, tentaremos expor nos respectivos capítulos todas as obras de Pinheiro que chegaram ao nosso conhecimento, sendo pertinentes para a ocupação linguística com a obra do autor. Contamos com a compreensão do leitor se a bibliografia aqui pode não ser exaustiva e estamos naturalmente sempre muito interessados em indicações que possam ajudar para preencher eventuais lacunas existentes. Em referências bibliográficas que dizem respeito a textos setecentistas procuraremos a seguir reproduzir a totalidade das informações contidas no rosto da obra. Indo para além dos costumes actuais de citações para deste modo tentar fornecer mais informações sobre as próprias obras, respeitaremos o uso de maiúsculas e a pontuação. Visto que tudo que no original é título se encontra reproduzido em itálicos, aquilo que no original está impresso em itálicos será representado por letras normais. Usar-se-á um traço diagonal (/) para indicar um fim de linha, reservando-se o uso de dois (//) para indicar o fim do título propriamente dito e o de três (///) para indicar que as informações bibliográficas que se seguem não se encontram no rosto mas noutra folha (na altura não era invulgar indicarem--se o lugar, a impressora e a data de impressão na última folha do opúsculo).

<sup>37</sup> Neves (1996: 22) menciona ainda, do fundo do ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (Lisboa) o seguinte opúsculo que não chegámos a ver mas que, quanto ao texto, não deve divergir muito daquilo que conhecemos, pois não o fazem os documentos posteriores que nos são presentes: «Cx. N.º 512, Doc. N.º 5186, *Abertura do vigésimo primeiro curso da Academia Orthográfica Portuguesa de Pinheiro [Notícia], 1796*».

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ABERTURA / DO / VIGÉSIMO NONO CURSO / DA / ACADEMIA ORTHOGRÁFICA PORTUGUEZA / DE PINHEIRO / INTERESSANTE A NACIONAES, E ESTRANGEIROS / DE TARDE, E A' NOITE NA RUA NOVA DO ALMADA N.º 76.* // [Lisboa] NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO. Anno 1804. *Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.* ([I] p.; obra citada como Pinheiro: *Abertura* [1804])

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ABERTURA / DO / TRIGÉSIMO SEGUNDO CURSO / DA ACADEMIA ORTHOGRÁFICA PORTUGUEZA / DE PINHEIRO / INTERESSANTE A NACIONAES, E ESTRANGEIROS / DE TARDE, E Á NOITE NA RUA NOVA DO ALMADA N.º 76.* /// [Lisboa] NA NOVA OFFICINA DE JOAÕ RODRIGUES NEVES. ANNO 1807. / *Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.* ([IV] p.; obra citada como Pinheiro: *Abertura* [1807])

*DECLARAÇÃO / DA / ACADEMIA PINHEIRIENSE / AO PRESENTE AO BAIRRO ALTO, E RUA DA BARROCA, N.º 10.* // Lisboa. NA NOVA OFFICINA DE JOAÕ RODRIGUES NEVES. ANNO 1808. / *Com licença da Meza do Desembargo do Paço.* ([I] p.; obra citada como *Declaração* [1808])

## 2.2 Cursos de língua portuguesa

Outro aspecto importante da *Academia Orthográfica Portuguesa* é que ela não só se dedicava à formação de *native-speakers* portugueses, mas também facilitava a aprendizagem do português a estrangeiros. Desta maneira, na folha volante de 1787, os cursos foram apresentados com as seguintes palavras: «(...) e os Estrangeiros nella se científicaõ em beneficio do melhor expediente na communicação, e negocio, que tem nestes Reinos, e seus Dominios»<sup>38</sup>. Devido à falta de informações mais exactas a esse respeito, não podemos dizer ainda qual teria sido o modo concreto de uma inclusão dos estrangeiros nos cursos. Mesmo assim, a referida presença dos estrangeiros parece ter sido um factor constante na *Academia Orthográfica Portuguesa*, de maneira que Pinheiro pôde anotar entusiasticamente nas folhas volantes de 1797, 1804 e 1807:

Naõ menos serve esta Academia para todos os Senhores das Nações Estrangeiras, pela methodica Instrucção da qual de propózito apromptada, apta, e enérgica á sua intelligência [1797: *intelligencia*] tem sido utilizados quazi todos, os que estaõ, e tem vindo a esta Corte. Elles conhecendo bem, quanto lhes he util o saber a Linguagem da gente, com quem ha communicação, e negocio, em beneficio do seu melhor expediente, e tambem excitados pela similhaça de huma Instrucção, em que os seus Paizes abundaõ, se applicaõ com todo o fervor para alcançarem a total perfeição no conhecimento, pronúncia, e estilo desta Lingua, e fazem vantajózos progressos no estudo da mesma, tendo-se muitos equiparado em breve tempo aos nossos Nacionaes, que merecem contemplar-se na classe dos Doutos<sup>39</sup>.

## 2.3 Discussão de normas linguísticas

Visto o círculo de pessoas que frequentava a *Academia Orthográfica Portuguesa*, não se evidencia que uma discussão de normas feita neste âmbito se iguale às nossas ideias sobre uma discussão de normas ortográficas ou de nomenclatura gramatical. Para além de sabermos que era expressamente admitida<sup>40</sup>, não dispomos por enquanto de elementos que nos permitam fazer afirmações seguras sobre a discussão normativa que tenha decorrido ao longo do ano lectivo.

Há, porém, nas publicações que persistem, uma série de opúsculos que, parecidos com miscelâneas de homenagem, podem admitir tirarmos deles conclusões sobre uma discussão de normas:

<sup>38</sup> *Avizo* (1787).

<sup>39</sup> Pinheiro: *Abertura* (1797: 2); Pinheiro: *Abertura* (1804); Pinheiro: *Abertura* (1807: 2).

<sup>40</sup> *Declaração* (1808): «Permitte-se entrada franca até oito vezes a qualquer Sujeito, que pertender observar a explicação do seu Académico Systema, sendo-lhe igualmente lícito instar contra o mesmo, quanto tenha a sufficiência necessária».



Cunha, João Pinheiro Freire da: *PROLUZOËS / DA / GRAMMATICA / PORTUGUEZA, / QUE NA SESSÃO PUBLICA, / E ABERTURA DO DUODECIMO CURSO / DA / ACADEMIA ORTHOGRÁFICA / PORTUGUEZA, / DEPOIS DE RECITADA A ORAÇÃO ACADEMICA, / AUXILIANDO / JOAÕ PINHEIRO FREIRE DA CUNHA, / Professor Publico de Grammatica Latina, e Portugueza, / SUSTENTARAÕ / JOAQUIM DIAS DA SILVA CAMPOS / E / LIBERATO DIAS DA SILVA CAMPOS / SÓCIOS ACADÊMICOS / Na Igreja de Santa Maria Magdalena desta Corte. / No Domingo 28 do prezente Outubro, pelas duas ho- / ras da tarde. / QUESTAÕ PRINCIPAL: / Se o discutir-se filozoficamente a Grammatica Ma- / terna he causa geral util, e necessario a to- / dos os Nacionaes? Affirm. /// LISBOA / NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES. / MDCCLXXXVII. / Com licença da Real Meza da Comissaõ Geral sobre o Exame, / e Censura dos Livros. ([VII] pp.; obra citada como Pinheiro: *Proluzoës* [1787])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *PROLUZOËS, / QUE / AUXILIANDO / JOAÕ PINHEIRO FREIRE DA CUNHA / Professor Público de Grammatica Latina, e Portugueza, / SUSTENTARA' / JOAQUIM JOZE' AGOSTINHO / Sócio Acadêmico. / QUESTAÕ PRINCIPAL. / Porque se ostenta mais gloriõza a nossa Academia, se pelo novo / Méthodo achado para scientificar a Mocidade, e os Nacionaes ine- / ruditos, se pelo concurso dos Sábios da Naçaõ, que sempre nos tem felicitado com a sua distincta Assistencia, e ennobrecido com os / seus autorizados raciocínios? /// LISBOA. NA OF. DE ANTONIO GOMES. 1794. Com licença da Real / Meza da Comissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros. ([VII] pp.; obra citada como Pinheiro: *Proluzoës* [1794<sup>a</sup>])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *PROLUZOËS, / QUE NA SESSÃO PU'BLICA / DE / ABERTURA / DO DÉCIMO NONO CURSO / DA / ACADEMIA ORTHOGRA'FICA / PORTUGUEZA / AUXILIANDO / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA / Professor Público de Grammatica Latina, e / Portugueza, / SUSTENTOU / JOAQUIM JOZE' AGOSTINHO / SO'CIO ACADÊMICO / Na tarde de 28 de Setembro deste anno, / DEMONSTRADAS / Pelos mais sólidos Fundamentos. // LISBOA / NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES. / M DCC XCIV. / Com licença da Real Meza da Comissaõ Geral / sobre o Exame, e Censura dos Livros. / Vendem-se nas Salas da mesma Academia na / Rua Nova de ElRei junto à loja dos Conrados, / e na Rua de S. Bento logo abaixo da Travessa / do Pombal. (87 pp.; obra citada como Pinheiro: *Proluzoës* [1794<sup>b</sup>])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *PROLUZOES, / QUE / AUXILIANDO / JOAÕ PINHEIRO FREIRE DA CUNHA / SUSTENTARÁ / JOZÉ ANTONIO SOARES MENDES / Sócio Acadêmico / Na Sala da Academia Orthográfica Portugueza na Rua Nõva do / Almada N. 76 em o primeiro de Outubro pelas seis horas da tarde. / QUESTAÕ PRINCIPAL / Porque se ostenta mais gloriõza a nossa Academia, se pelo / novo Méthodo achado para scientificar a Mocidade, e os Nacionaes / ineruditos, se pelo concurso dos Sábios da Naçaõ, que sempre nos / tem felicitado com a sua distincta Assistência, e ennobrecido com / os seus autorizados raciocínios?/// LISBOA / NA NOVA OFFICINA JOAÕ RODRIGUES NEVES. Anno 1806. / Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. ([VI] pp.; obra citada como Pinheiro: *Proluzoës* [1806])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *THEZES / DA / GRAMMÁTICA PORTUGUEZA / SYSTEMA PINHEIRIENSE, / QUE, / RECITADA A ORAÇÃO DE ABERTURA / DO TRIGÉSIMO SEGUNDO CURSO / DA ACADEMIA ORTHOGRÁFICA PORTUGUEZA, / AUXILIANDO / JOAÕ PINHEIRO FREIRE DA CUNHA / SUSTENTARÁ / FRANCISCO SOLANO PEREIRA DE CAMPOS / SÓCIO ACADÊMICO. / Na Antesala do Senado da Câmara no Domingo 4 do prezente pelas / tres horas da tarde. / QUESTAÕ HONORÁRIA. / Se huma Academia da Grammatica, e estilo da Linguagem Ma- / terna he superior a todos os seus particulares Escritores Gram- / maticaes, aindaque alguns como Autores possaõ ser reputados? / Affirm. /// [Lisboa] NA NOVA OFFICINA DE JOAÕ RODRIGUES NEVES. 1807. / Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. ([XVIII] pp.; obra citada como Pinheiro: *Thezes* [1807])<sup>41</sup>*

Num olhar para o título das *Proluzoës* de 1794 e de 1806 dá logo nas vistas a referência aos «(...) Sábios da Naçaõ, que sempre nos tem felicitado com a sua distincta Assistência, e ennobrecido com os seus autorizados raciocínios». Este trecho poderia, portanto, ser entendido como indicando que os participantes já formados não só assistiam passivamente nas

---

<sup>41</sup> O manuscrito de censura existe no ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO em Lisboa e tem por cota: A.N.T.T., Real Mesa Censória, Biblioteca, n.º 4113. ([VIII] pp.)

sessões da Academia Orthográfica Portuguesa, mas também podiam oferecer a sua opinião sobre os temas que eram tratados.

A este uso da *academia pinheirense*, que, face ao ensino magistral que na época era o costume, estranha um pouco, ajunta-se como um ponto igualmente interessante a própria existência das publicações acima referidas. Podemos aqui comparar duas espécies de obras: as *Proluções*, que ainda estavam por serem discutidas ou pelo menos defendidas (p.ex. 1794<sup>a</sup>: *Proluções (...) que sustentará Joaquim José Agostinho*) e as outras nas quais aquilo já tinha sucedido (p.ex. 1794<sup>b</sup>: *Proluções (...) que sustentou Joaquim José Agostinho (...) demonstradas pelos mais sólidos Fundamentos*)<sup>42</sup>. No primeiro tipo trata-se das ideias gerais sobre gramática e ortografia, nas quais se baseavam as actividades da *Academia Orthográfica Portuguesa*. Estas eram depois apresentadas pelos oradores nas sessões de abertura dos cursos desta instituição. Foi assim que elas foram alteradas ao longo dos anos, alterações que sem dúvida na sua maior parte originavam das mãos de Pinheiro, mas que certamente também podem ser encaradas como o resultado das discussões sucedidas:

Proluções (1787)	<i>Proluções</i> (1794 <sup>b</sup> )	<i>Thezes</i> (1807)
V. Partes da Oração tres: Nome, Verbo, Adverbio. (p. 3)	III. Partes da Oração tres: Nome, Verbo, Adverbio. Prova-se. As Partes da Oração são aquellas essencialmente differentes palavras, de que a Oração se formaliza. Para esta bastaõ as tres <i>Nome, Verbo, Adverbio</i> . Logo as Partes da Oração sómente são as tres ditas. Mostra-se a Menor: a contextura da Oração não se une mais, do que de <i>Substancia</i> , ou <i>Sujeito</i> , e de <i>qualidade dependente</i> , ou <i>Accidente</i> , <i>Acção</i> , e <i>Circumstancias</i> da <i>Acção</i> . A Substancia, ou Sujeito he o <i>Nome Substantivo</i> , a qualidade dependente, ou <i>Accidente</i> he o <i>Nome Adjectivo</i> , a <i>Acção</i> he o <i>Verbo</i> , e as circumstancias da <i>Acção</i> são o <i>Adverbio</i> , aindaque algumas vezes se preponha a certos Cazos, e se chame <i>Preposição</i> , ou interrompa o sentido do Discurso, e se diga <i>Interjeição</i> , ou o ligue, e se intitule <i>Conjunção</i> . Logo as Partes da Oração são as tres assignadas, nas quaes se comprehendem as oito, que alguns contaõ, pois em Nome se inclue o chamado Pronome, e o Participio, e no Adverbio a <i>Preposição</i> , <i>Interjeição</i> , e <i>Conjunção</i> , como já dissemos, porque sómente são Subdivisões dos seus respectivos <i>Principios</i> , de que em nada	III. Partes da Oração duas: Nome, e Verbo, porque o Advérbio não deve constituir Parte essencialmente distincta do Verbo. (p. 3)

<sup>42</sup> Pinheiro: *Proluções* (1794<sup>a</sup>); Pinheiro: *Proluções* (1794<sup>b</sup>). Os destacados são nossos.

<sup>43</sup> Neste breve trecho trata-se das (oito) partes da oração que se encontram subsumidas sob o as classes do nome (pronome, participio), verbo e advérbio (preposição, interjeição, conjunção). No texto primitivo das *Proluções*

essencialmente differem: não se devem multiplicar entidades sem necessidade, e por consequencia so as tres, que assignamos, podem distinctamente numerar-se. (pp. 14s.) <sup>43</sup>
---

Se bem que destes trechos não resulte forçosamente a existência certa de uma discussão (científica), talvez alguns trechos das anotações preliminares da única publicação, que temos presente e que relata uma tal abertura de sessões, possam fornecer-nos mais informações:

Supposto foi numerozo o Concurso de toda a classe de distinctos Sujeitos Eccleziasticos, e Seculares abalizados nas Sciencias, que nos condecoráraõ a nossa Sessão Pública (felicidade, que até hoje sempre se nos communica) julgamos não fóra de propozito o mostrar a todo o povo os motivos, porque nos persuadimos a escolher algumas opinioes com preferencia a outras rejeitadas, ou a descobrir com infatigavel diligencia varias Questões, que ainda não foraõ discutidas.

Naõ se faz possivel, que todos assistaõ ás nossas Conferencias, nem que todas as Questões possaõ instar-se, e dissolver-se. Os Fundamentos, sobre que ellas se firmaõ (á excepção de quatro, ou cinco, que unicamente pudéraõ debater-se) ficáraõ incógnitos, e infructiferos ao povo imperito (...)<sup>44</sup>.

e mais adiante

Sendo tantos, e taõ bem fundados os motivos referidos, porque pôde, e deve a nossa Academia gloriar-se, porquanto discutimos huma Questão Problemática, sustentamos por affirmativa a segunda Parte, que a nossa Academia se ostenta mais glorióza pela distincta assistencia dos Doutos, que tantas vezes a tem illustrado e ennobrecido.

(...)

Os Doutos, que nos cercaõ, suas refulgentes luzes, com que nos illustraõ, seus delicados, e aquilinos pensamentos, e o superior grão de sciencia, de que saõ dotados, dignando-se scientificar-nos pela coherencia dos seus authorizados raciocinios, tudo isto unica, e essencialmente he, o que constitue a glória Académica, com que nos felicitamos, e ennobrecemos.

Assás de bem pouco momento seria a nossa Authoridade pela maior parte nas opinioes talvês incógnitas, com que pertendemos desarreigar alguns abuzos, que até hoje tem grassado, ou tolerados, ou desconhecidos, se esta mesma Authoridade, de que gozamos, não fosse pela discussaõ dos Sábios descortinada, á força das suas instancias corroborada, e pelas nossas soluções, fazendo-se patente a maior Razaõ, e Authoridade intrinseca, para o seguro uzo dos Póvos firmemente consolidada.

So as opinioes desta sorte debatidas, e por este modo purificadas saõ, as que (achada, e sentenciada a verdade) constituem o uzo dos Doutos, que existem superior e irrefragavel Legislador nas Linguas vivas.

(...)

Pois se os vossos Argumentos judiciózos, se as nossas Questões discutidas, se a verdade de huma, e outra cauza evidentemente achada nos constitue a vantajóza elevação da nossa Academia, a coherencia das opinioes, e daqui a certa, e inalteravel Regra para o seguro uzo das gentes, para norma do povo, e utilidade da Patria, agora de novo vos rogamos, Doutissimos Senhores, a continuacão das vossas sábias instancias nas Proluzões offerecidas, paraque não fiquemos privados da bem avultada instrucção, que tambem a nós mesmos dellas se nos communica<sup>45</sup>.

A breve análise destes trechos dá como resultado que a discussão de normas dentro da *Academia Orthográfica Portuguesa* parece, na sua maior parte, ter sido limitada às sessões de

---

(até *Prova-se*) apenas se exprime a hipótese para ela ser discutida e explicada a seguir. Pode ser constatado que até ao ano de 1807 se deu uma alteração de conteúdo, nomeadamente que o advérbio e as partes que lhe foram atribuídas tinham sido por sua vez atribuídas ao verbo.

<sup>44</sup> Pinheiro: *Proluzões* (1794<sup>b</sup>: 3s.).

<sup>45</sup> Pinheiro: *Proluzões* (1794<sup>b</sup>: 9ss.).

abertura e, contrário às outras actividades da *Academia Orthográfica Portuguesa*, aos dignitários culturais e intelectuais já formados. Contudo, está ainda por comprovar até que ponto esta ideia corresponde à realidade histórica.

#### 2.4 O material didáctico

Pinheiro foi também autor de várias obras literárias e moralizantes<sup>46</sup>, que, embora indubitavelmente ligadas à *Academia Orthográfica Portuguesa*, aqui não parecem ser de relevância. É, portanto, devido a razões de pertinência que a seguir nos limitaremos a enunciar as obras de relevância linguística:

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ACADEMIA / ORTOGRÁFICA, / EM QUE SAÕ INTERLOCUTORES / Sabino Presidente. Severo Arguente. / Deziderio Discipulo. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA. / CONFERENCIA I. ///* LISBOA: Na Offic. de Francisco Sabino dos Santos. / *Com Licença da Real Meza Censoria An. 1773. / Vende-se por quarenta reis no Cais de Santarem em hũa loja grande defron- / te da barraca onde foi S. Joaõ da Praça. / E á Boamorte na loja de Antonio Luiz de Carvalho, junto donde foi o / Correio //* A.N.T.T. Real Mesa Censória, Biblioteca, n.º 1679. (20 pp.)

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ACADEMIA / ORTOGRÁFICA / PORTUGUEZA, / EM QUE SAÕ INTERLOCUTORES / Sabino Presidente. Severo Arguente. / Deziderio Discipulo. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor de Grammatica Latina, e Portugueza. / CONFERENCIA I. ///* LISBOA: M. DCC. LXXIX. / Na Off. de FRANCISCO SABINO DOS SANTOS. / *Com licença da Real Meza Censoria. / Vende-se em caza do Author, na Rua Nova de ElRei, / junto á loja grande de bebidas de Manoel Jozé. (16 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ACADEMIA / ORTOGRÁFICA / PORTUGUEZA, / EM QUE SAÕ INTERLOCUTORES / Sabino Presidente. Severo Arguente. / Deziderio Discipulo. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor Publico de Grammatica Latina, e / Portugueza. / CONFERENCIA I. ///* LISBOA: Na Officina de Antonio Gomes. / Anno 1789. / *Com Licença da Real Meza da Comissãõ Geral sobre o Exa- / me, e Censura dos Livros / Vende-se nas salas da mesma Academia na Rua Nova / da Princeza quazi defronte do Convento de Corpus / Christi, e aos Poiaes de S. Bento defronte da Rua / da Paz. Tambem na loja da Gazeta. (24 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *ACADEMIA / ORTOGRÁFICA / PORTUGUEZA, / EM QUE SAÕ INTERLOCUTORES / Sabino Presidente. Severo Arguente. / Deziderio Discipulo. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor Publico de Grammatica Latina, e / Portugueza. / CONFERENCIA II. ///* LISBOA: Na Officina de Antonio Gomes. / Anno 1789. / *Com Licença da Real Meza da Comissãõ Geral / sobre o Exame, e Censura dos Livros / Vende-se nas Salas da mesma Academia na Rua Nova / da Princeza, quazi defronte do Convento de Corpus / Christi, e aos Poiaes de S. Bento defronte da Rua / da Paz. Tambem na loja da Gazeta. (23 pp. [= pp. 25-48; faltam as pp. 27-28 e 45-46])*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *CONJUGAÇÕES / PORTUGUEZAS / REGULARES, E IRREGULARES / METHÓDICAMENTE ORDENADAS / POR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE DA CUNHA, / Professor Publico de Grammatica Latina, e Portugueza. / Para o uzo dos seus Académicos Nacionaes, e Estrangei- / ros, e de toda a mais Mocidade estudiõza. //* LISBOA / NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES. / ANNO M. DCC. LXXXI. / *Com licença da Real Meza da Comissãõ Geral / sobre o Exame, e Censura dos Livros. / Vende-se nas Salas da mesma Academia na Rua Bella da / Rainha na primeira Divizaõ á esquerda, primeira es- / cada, e primeiro andar, entrando da Praça da Figuei- / ra, e aos Poiaes de S. Bento quazi defronte da Rua / da Paz (VIII, 87 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *Géneros portuguezes. / Conhecidos pelas Regras da Terminação. / Uteis a toda a Mocidade estudiõza, e / indispensavelmente necessarios aos Estran- / geiros, paraque não errem a Concordancia / dos Adjectivos na fraze da nossa Lingua- / gem / Por / João Pinheiro Freire da Cunha / Professor Publico de Grammatica La- / tina, e Portugueza //* Vende-se nas Salas da Acade-

<sup>46</sup> Temos notícia segura das seguintes obras: *Adivinhações curiosas e instructivas* (1798); *Genealogia Paperifera* (1811); *Grazinação frenética de dois ginjas carecas, insultados pela infima, atrevida e indômita rapaziada por usarem de fabrica coberta* (1809); *Reino da Poezia* (<sup>1</sup>1801, <sup>2</sup>1806, <sup>3</sup>1827); e, sob o pseudónimo Domingos Dionysio Duarte Daniel, a *Carta, e resposta, em que se perguntaõ, e expoem as causas da ignorancia, que vulgarmente domina a maior parte dos homens* (1769).

/ mia Orthográfica Portugueza na / Rua Nova de ElRei junto á loja / dos Conrados, e na Rua de S. Bento / logo abaixo da Travessa do Pombal // Manuscrito de censura, A.N.T.T. Real Mesa Censória, Biblioteca, n.º 1533, Lisboa, 1794<sup>47</sup>.

## 2.5 O Breve Tratado da Orthografia

Segundo o que parece, Pinheiro deve-se ter ocupado bastante cedo com encontrar a aproximação didacticamente correcta do ensino da língua pátria, porque já em 1769 publicou, sob o pseudónimo Domingos Dionysio Duarte Daniel, a sua obra mais importante e mais divulgada: o *Breve Tratado da Orthografia*, do qual nos são conhecidas as seguintes edições<sup>48</sup>:

Daniel, Domingos Dionysio Duarte (pseudónimo): *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA / Para os que não frequentáraõ os estudos. / OU / DIALOGOS / Sobre as mais principaes regras da Orthografia, uteis para o Povo menos instrui- / do, e para os que não tendo frequenta- / do as Aulas, se achãõ hoje empregados / nos escritorios publicos, e dezejaõ a- / certar na praxe, sem grande multipli- / cidade de regras, que não lhes saõ fa- / ceis de comprehender; e muito mais pro- / veitozos aos meninos, que frequentaõ / as escólas; / ESCRITOS / POR / DOMINGOS DIONIZIO / DUARTE DANIEL. // LISBOA, / Na Officina de Jozé da Silva Nazareth. / Com Licença dos Censores Regios. Anno 1769. ([VI], 62 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA, / Para os que não frequentáraõ / os estudos; / OU / DIALOGOS / Sobre as mais principaes regras da Orthografia uteis / para o Povo menos instruido, e para os que não / tendo frequentado as Aulas, se achãõ hoje empre- / gados nos escritorios publicos, e dezejaõ acertar / na praxe sem grande multiplicidade de regras, / que não lhes saõ faceis de comprehender, e mui- / to mais proveitozos aos meninos, que frequentaõ as Escólas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO / FREIRE DA CUNHA. // Segunda impressãõ muito accrescenta- / da, e mais correcta. LISBOA, Na Offic. de Joseph da Silva Nazáreth / Anno de 1770. / Com licença da Real Meza Censoria. ([VI], 128 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *Breve Tratado da Orthografia para os que não frequentáraõ os estudos; ou dialogos sobre as mais principaes regras de Orthografia, uteis para o Povo menos instruido, e para os que não tendo frequentado as Aulas, se achãõ empregados nos escritorios publicos, e dezejaõ acertar na praxe sem grande multiplicidade de regras, que não lhes saõ faceis de comprehender., e muito mais proveitozos aos meninos, que frequentaõ as Escólas. Terceira impressãõ, 1776. (A.N.T.T. Real Mesa Censória, Biblioteca, Cx. 280, Livro 1420)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *Breve Tratado da Orthografia para os que não frequentáraõ os estudos; Ou dialogos sobre as mais principaes regras de Orthografia, uteis para o Povo menos instruido, e para os que não tendo frequentado as Aulas, se achãõ empregados nos escritorios publicos, e dezejaõ acertar na praxe sem grande multiplicidade de regras, que não lhes saõ faceis de comprehender., e muito mais proveitozos aos meninos, que frequentaõ as Escólas. Quarta impressãõ mais accrescentada, e correcta, do que as antecedentes. Na Officina de Francisco Sabino dos Santos, Lisboa, 1778.*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA, / PARA OS QUE NAÕ FREQUENTARAÕ / OS ESTUDOS, / OU / DIALOGOS / Sobre as mais principaes regras da Orthografia uteis / para o Povo menos instruido, e para os que não / tendo frequentado as Aulas, se achãõ hoje empre- / gados nos Escritorios publicos, e dezejaõ acertar na / praxe sem grande multiplicidade de regras, que não / lhes saõ faceis de comprehender, e muito mais pro- / veitózos aos meninos, que frequentaõ as Escólas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO / FREIRE DA CUNHA / Professor de Grammatica Latina, e / Portugueza // Quinta impressãõ mais accrescentada, e / correcta, do que as antecedentes. / LISBOA. / Na Of. de FRANCISCO SABINO DOS SANTOS / M. DCC. LXXVIII. / Com licença da Real Meza Censoria. / Vende-se por 240. reis encadernado em todas as Escó- / las de ler deste Reino. / E tambem na Cidade de Lisboa em caza do Author / na Rua Nova de ElRei, junto á Loja gran- / de de bebidas de Manoel Jozé. ⇨ obra citada como Pinheiro (1778)*

<sup>47</sup> Há uma 2.ª Edição, Lisboa: Na Officina Patriarcal, 1798.

<sup>48</sup> As edições de que temos um exemplar original ou fotocopiado serão citadas na forma extensa, enquanto as outras de que apenas sabemos com certeza que existem, não tendo presente o rosto nem a obra, só serão mencionadas na forma convencional.

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA / PARA OS QUE NÃO FREQUENTÁ- / RAÕ OS ESTUDOS, / OU DIALOGOS / Sobre as mais principaes Regras da Orthografia / uteis para o Povo menos instruído, e para os / que não tendo frequentado as Aulas, se achão / hoje empregados nos Escritorios publicos, e / dezejaõ acertar na praxe sem grande multi- / plicidade de regras, que não lhes são faceis / de comprehender, e muito mais proveitózos / aos Meninos, que frequentão as Escólas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor de Grammatica Latina, e Portugueza // Sexta impressãõ mais accrescentada e cor- / recta, do que as antecedentes. / LISBOA / NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES. / M. DCC. LXXXVIII. / Com Licença da Real Meza da Comissão Ge- / ral sobre o Exame, e Censura dos Livros. / Vende-se encadernado em todas as Aulas de / ler deste Reino. E tambem na Cidade de Lis- / boa em caza do Author á Magdalena, e cazas / do Excellentissimo Senhor Conde da Redinha. (IV, 202 pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *Breve Tratado da Orthografia para os que não frequentáraõ os estudos ou Dialogos sobre as mais principaes Regras da Orthografia, úteis para o Povo menos instruído, e para os que não tendo frequentado as Aulas, se achão empregados nos Escritorios publicos, e dezejaõ acertar na praxe sem grande multiplicidade de regras, que não lhes são faceis de comprehender, e muito mais proveitózos aos meninos, que frequentão as Escolas: 7.<sup>a</sup> impressão, Na Officina de Antonio Gomes, Lisboa, 1792.*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA / PARA OS QUE NÃO FREQUEN- / TÁRAÕ OS ESTUDOS, / OU DIALOGOS / Sobre as mais principaes Regras da Ortho- / grafia uteis para o Povo menos instruí- / do, que dezeja acertar na praxe sem / grande multiplicidade de preceitos, que / não lhe são faceis de comprehender, e / muito mais proveitózos aos Meninos, / que frequentão as Escolas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor Público de Grammatica / Latina, e Portugueza // Oitava Impressãõ. / LISBOA: M. DCCC. XIII. / NA TYPOGRAFIA LACERDINA / Rua da Condeça ao Carmo N.º 19. / Com Licença da Meza do Desembargo / do Paço. (VI, 298, [XXIX] pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA / PARA OS QUE NÃO FREQUENTÁRAÕ / OS ESTUDOS, / OU DIALOGOS / SOBRE AS MAIS PRINCIPAES REGRAS DA / ORTHOGRAFIA / Uteis para o povo menos instruído, que deze- / ja acertar na praxe sem grande multiplici- / dade de preceitos, que não lhe são faceis / de comprehender, e muito mais proveitózos / aos Meninos, que frequentão as Escolas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor Público de Grammatica / Latina, e Portugueza. // OITAVA IMPRESSAÕ MAIS ACCRESCENTADA. / LISBOA, ANNO 1814. / NA NOVA IMPRESSAÕ DA VIUVA NEVES E FILHOS. / Com licença da Meza do Desembargo do Paço. / Vende-se na Aula Pinheiriense [...] na Rua dos Ourives da Prata N.º 69. (VIII, 298, [XXIX] pp.)*

Cunha, João Pinheiro Freire da: *BREVE TRATADO / DA / ORTHOGRAFIA / PARA OS QUE NÃO FREQUEN- / TÁRAÕ OS ESTUDOS, / OU DIALOGOS / Sobre as mais principaes Regras da Ortho- / grafia uteis para o Povo menos instruí- / do, que dezeja acertar na praxe sem / grande multiplicidade de preceitos, que / não lhe são faceis de comprehender, e / muito mais proveitózos aos Meninos, / que frequentão as Escolas. / SEU AUTHOR / JOAÕ PINHEIRO FREIRE / DA CUNHA, / Professor Público de Grammatica / Latina, e Portugueza // Nona Impressãõ. / Lisboa: M. DCCC. XV. / NA TYPOGRAPHIA LACERDINA, / Rua da Condeça ao Carmo N.º 19 / Com licença da Meza do Desembargo / do Paço. (VI, 298, [XXIX] pp.)*

A obra principal de Pinheiro compreende entre 62 e 298 páginas que por sua parte apresentam entre VIII (1769), IX (1770), XIV (1778) e XIX (1813) diálogos. Até à sétima edição (1792) ainda houve uma correcção e ampliação constante, enquanto as três edições posteriores já não sofreram revisões significantes. Contrário ao que promete o título, o autor não se limita a tratar apenas de questões ortográficas. Assim, nos primeiros capítulos estamos perante uma introdução mais ou menos geral de conceitos gramaticais, expondo-se p.ex. as partes da oração, a morfologia (substantivos, verbos etc.). Só por volta do quarto diálogo é que a ortografia chega a ser o tema dominante.

Provavelmente já antes da impressão da primeira edição do *Breve Tratado*, Pinheiro tinha escrito a seguinte obra que só se encontra conservado em forma manuscrita:

Cunha, João Pinheiro Freire da: *Novo Methodo / De / Grammatica Portugueza. / Composto, e offerecido / Ao Exç.<sup>mo</sup>, R.<sup>mo</sup> Snr. D. Thomaz de Almeida / do conselho de S. Magestade Fidelissima, seu Sumilher / da Cortina, Principal Primario da Santa Igreja de / Lisboa, e Director Geral dos Estudos nestes Reinos de / Portugal, e seus Dominios &c. &c. & / Por / Joaõ Pinheiro Freyre da Cunha, / Professor de Grammatica Latina nesta Corte, / E natural da mesma. / Resumido, e util a todos, principalmente áquelles, que nas / Escolas aprendem os primeiros elementos Literarios, e aspiraõ / ao exercicio das Belas Letras.* Manuscrito da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Cod. CXIII / 2-25.

A criação do manuscrito não deve ser anterior a Maio de 1760<sup>49</sup> nem posterior a 1771<sup>50</sup>, sendo que a primeira data parece mais provável<sup>51</sup>.

Para explicitar as relações entre as duas obras, parece indicado comparar trechos escolhidos do *Novo Methodo*, da segunda e de uma das últimas edições do *Breve Tratado*, resumindo brevemente o resultado:

Novo Methodo da Grammatica	Breve Tratado (1770)	Breve Tratado (1813)
<p>P. Que coiza he <u>oraçaõ</u>?</p> <p>R. He hum ajuntamento de palavras, com que nos explicamos; affirmando, ou negando de alguém alguma coiza como <u>Eu tenho saude</u>. Joaõ naõ sabe a liçaõ. &amp;c. (fol. 23 a)</p>	<p>P. Que coiza he <i>Oraçaõ</i>?</p> <p>R. He hum ajuntamento de palavras, que bastem para fazer o sentido, com que nos explicamos, ou estejaõ todas claras, ou algas occultas, que hajaõ de se entender, como: <i>Os meninos amaõ seus Mestres. Os cuidadosos sabem a liçaõ. Os preguiçozos naõ.</i> Onde nesta ultima oraçaõ se faz o sentido, estando occultas, que se entendem outra vez as mesmas palavras <i>sabem a liçaõ</i>: desta sorte: <i>Os preguiçozos naõ sabem a liçaõ.</i> (p. 2)</p>	<p>P. Que coiza he <i>Oraçaõ</i>?</p> <p>R. O ajuntamento de palavras, que fazem o sentido, com que nos explicâmos, ou estejaõ todas claras, ou algumas occultas, que se entendaõ, v.g: <i>Os meninos amaõ seus Mestres. Os cuidadózos sabem a liçaõ. Os preguiçózos naõ.</i> Na ultima <i>Oraçaõ</i> se faz o sentido, estando occultas, e entendidas as mesmas palavras <i>sabem a liçaõ</i>: desta sorte: <i>Os preguiçozos naõ sabem a liçaõ.</i> (p. 1s.)</p>
<p>P. Que coiza he <u>Orthografia</u>, e donde traz a sua origem?</p> <p>R. <u>Orthografia</u> traz a origem das palavras gregas</p>	<p>P. <i>Orthografia</i>, donde traz a sua origem, e de que trata?</p> <p>R. <i>Orthografia</i>, que traz a origem das palavras Gregas <i>Orthos</i>, que significa bem, e</p>	<p>P. <i>Orthografia</i>, donde traz a origem, e de que trata?</p> <p>R. <i>Orthografia</i>, que traz a origem das palavras</p>

<sup>49</sup> Foi só por esta altura que Pinheiro, como já referimos, tinha feito os exames de gramática latina e pôde usar do título de professor público, visto que parece pouco provável que o tenha feito antes de efectivamente possuí-lo.

<sup>50</sup> O principal D. Tomás de Almeida que se encontra mencionado na dedicatória do manuscrito deteve o cargo de Director Geral dos Estudos entre 1759 e 1771. A possibilidade de uma datação posterior parece portanto excluída.

<sup>51</sup> Cunha: *Memórias* (1804: 4) anota o seguinte: «*Sempre as ideas deste Professor naturalmente propenderaõ para a concatenaçaõ do Systema Grammatical da nossa Linguagem, que hoje seguimos. Ja em 1758, sendo ainda Congregado, tinhaõ por elle sido delineados os primeiros traços das suas reflexõs sobre este Assumpto (...)*». Ele igualmente fala das preocupações constantes por parte de Pinheiro de formar a juventude mediante uma gramática portuguesa filosófica (idem *idem*, p. 5). Se é lícito julgar que estas preocupações se referem ao *Novo Methodo*, já não parece ser possível comprová-lo. Existe, contudo, essa possibilidade, considerando-se que tanto a dedicatória como o prefácio possam datar de tempos posteriores ao tempo no qual foi escrita a obra.

Orthos, que significa <u>bem</u> , e de <u>Grapho</u> , que significa <u>escrever</u> : trata, e ensina cada huma das Letras, com que se hade <pronunciar ou> escrever bem, e rectamente qualquer palavra, ou dicção. (fol. 25a)	de <i>Grapho</i> , que significa <i>escrever</i> : trata, e esina (sic) cada ha das letras, com que se ha de escrever bem, e rectamente qualquer palavra, e a Punctuaçõ dos Periodos. (p. 57s.)	Gregas <i>Orthos</i> , que significa bem, e de <i>Grapho</i> , que significa <i>escrever</i> , trata, e ensina cada huma das letras, com que se ha de escrever bem, e rectamente qualquer palavra, e a Pontuaçã do Periodo. (p. 53)
P. Alguma palavra principia, ou acaba em letra dobrada?	P. No principio, ou fim da palavra, dobraõ-se as letras?	P. No princípio, ou fim da palavra, dobraõ-se as letras?
R. Nenhuma palavra principia, ou acaba em letra dobrada, fazendo huma so syllaba ou consoante, ou vogal: excepto a palavra, que acaba no diphthongo de <u>aã</u> , que por ter diphthongo vale de hum só som, como huma só letra <sup>52</sup> . (fol. 112 b)	R. Nenhũa palavra principia, ou acaba em letra dobrada consoante, ou vogal: excepto as que acabaõ no diphtongo de aa, como <i>Manhaã</i> , <i>Irmaã</i> , &c. cuja ultima syllaba por ser diptongo vale por ha só letra. (p. 69s.)	R. Nenhuma palavra principia, ou acaba em letra dobrada Consoante, ou Vogal: excepto no Dithongo de aã, v.g: <i>Manhaã</i> , <i>Irmaã</i> , &c. que sendo Dithongo vale por huma so letra. (p. 73)

Nestes trechos que, admitamos, foram escolhidos de maneira um pouco arbitrária, podemos constatar algumas correspondências. Com efeito, o *Breve Tratado*, pelo menos a partir da segunda edição, parece ser mais orientado para ser geralmente percebido por pessoas menos especializadas. Não obstante, achamos óbvio que a estrutura e apresentação das duas obras corresponde consideravelmente, mas tendo em vista, apesar de qualquer interferência possível, que cada uma das duas obras naturalmente dá especial relevo à exposição da gramática (*Novo Methodo*), ou seja, da ortografia (*Breve Tratado*). Dadas estas características achamos (sob ressalva de uma ocupação mais aprofundada de crítica textual ainda por fazer) que o *Novo Methodo* com um elevado grau de probabilidade serviu de base para o *Breve Tratado*, sendo que o autor na criação desta última obra tinha aumentado a explicação de certos pontos, isto é, adoptado às necessidades especiais de um tratado de ortografia<sup>53</sup>.

### 3 Notas finais

Com o que expusemos até agora esperamos ter provado que a *Academia Orthográfica Portuguesa* e as obras que saíram no âmbito dela, apesar de serem maioritariamente desconhecidas, não deixam de ser interessantes. A tripartição das actividades dela constitui — especialmente do ponto de vista da história da língua — um aspecto de grande importância pelo qual ela se distingue de outras organizações de seu tempo.

<sup>52</sup> A respeito disso Pinheiro anotou na nota de rodapé: «Quando dizemos amava-a ensinava-a etc. não he acabar em duas vogaes; porque o ultimo a he o nosso artigo, que serve de Relativo, e saõ duas palavras». (idem, *Novo Methodo*, fol. 112 b).

<sup>53</sup> Lamentavelmente ainda não nos foi possível ver a primeira edição que saiu sob o pseudónimo. Dadas as interferências textuais que se nos apresentam nas duas obras presentes, julgamos de qualquer maneira lícito supor também para a primeira edição, impressa em 1769 (62 pp.), como fonte o *Novo Methodo* (116 fols.). Naturalmente oferece-se a possibilidade de que o *Novo Methodo* tenha sido feito como redacção da primeira edição. Estamos, porém, convencidos de que este caso — especialmente devido a questões de cronologia — deveria ser considerado a hipótese menos provável.



Naturalmente permanece (ainda) a dúvida de como e quando terminaram as actividades da *Academia Orthográfica Portuguesa*. Parece ser uma razão possível, partindo dos elementos de que hoje dispomos, a morte do fundador e motor da organização que provavelmente terá de ser situada em 1811. Seria, neste contexto, de maior interesse saber algo (mais) sobre a relação entre a *Academia Orthográfica Portuguesa* e a mais jovem *Academia das Ciências* (fundada em 1779) e geralmente sobre o relacionamento com as autoridades da época de 1772 a 1811 (e seguintes?). Por enquanto, tudo isso terá de permanecer no escuro, mas evidentemente motiva uma ocupação mais intensiva com esta curiosa associação do Portugal dos séculos XVIII e XIX. É precisamente o que pretendemos fazer na nossa tese de doutoramento que estamos a preparar na Universidade de Tübingen (Alemanha): preencher todas as lacunas que se nos apresentam quando nos ocupamos com a *Academia Orthográfica Portuguesa*.

#### 4 Bibliografia selecta<sup>54</sup>

##### 4.1 Documentos

Registos Paroquiais: Freguesia de Santa Engrácia de Lisboa: B7. A.N.T.T., Lisboa.

Chancelaria de D. José - *Carta de legitimação para o filho de João Pinheiro Freire, do mesmo nome*: 1 de Abril de 1753. A.N.T.T., Lisboa: Livro 90, fol. 63.

Arquivo da Universidade de Coimbra - Livro de Matrículas 1758-1759, IV/1.aD/I/IV/29, fol. 13v.

Arquivo da Universidade de Coimbra - Livro de Matrículas 1759-1760, IV/1.aD/I/IV/30, fol. 13v.

##### 4.2 Monografias

Andrade, António Alberto Banha de: *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771). (Contribuição para a história da pedagogia em Portugal). 1.º Volume (A Reforma) 2.ª Parte*. Acta Universitatis Conimbricensis, Por ordem da Universidade, Coimbra, 1984.

Carvalho, Rómulo de: *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da Nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 1986.

Cunha, Francisco Pinheiro Freire da: *Memórias da Academia Orthográfica Portuguesa de Pinheiro*: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Lisboa, 1804.

Feijó, João de Moraes Madureira: *EXPLICATIONES / IN OMNES PARTES / Totius Artis. / R. P. EMMANUELIS ALVAREZ / è Societate JESU, / AD USUM / EXCELLENTISSIMI / DUCIS ALLAFONENSIS, / Expositæ à Magistro suo / JOANNE DE MORAES MADUREYRA FEYJO', / Ex Ordine Divi Petri Sacerdote, Philosopho, / ac Theologo, / Et olim in præclarissima Societate JESU / Rhetorices Præceptore. // ULYSSIPONE OCCIDENTALI, / Ex Prælo MICHAELIS RODRIGUES. / M. DCC. XXIX. / Cum facultate Superiorum.*

Kemmler, Rolf: *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Tese de Mestrado inédita polifotocopiada na cadeira de Filologia Românica I (Português) na Neuphilologische Fakultät da Eberhard-Karls-Universität Tübingen, Prof. Dr. Brigitte Schlieben-Lange, apresentada em Março de 1996.

Kemmler, Rolf: «Orthographieunterricht, Sprachkurse und Normendiskussion im Portugal des 18. und 19. Jahrhunderts: die *Academia Orthográfica Portuguesa*». Separata de Endruschat, Annette; Gärtner, Eberhard: *Untersuchungen zur portugiesischen Sprache. Beiträge zum Deutschen Lusitanistentag 1995*. Beihefte zu *Lusorama*, 1. Reihe, 7. Band, TFM/Domus Editoria Europaea, Frankfurt am Main, 1996, pp. 63-84.

Lobato, António José dos Reis: *Arte de Grammatica da Lingua Portuguesa: Composta e offerecida ao Ill.mo e Exc.mo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, Ministro e Secretario de Estado de Sua Magestade*

<sup>54</sup> Não se referem aqui textos que já dentro do texto foram mencionados em pormenor.

- Fidelissima da Repartição dos Negocios do Reino etc. Duodécima Impressaõ*; Lisboa: Na Officina da Viuva Neves e Filhos, 1814.
- Magalhães, Justino Pereira de: *ler e escrever no mundo rural do antigo regime. um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em portugal*. Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 1994.
- Schäfer, Barbara: «Portugiesische Grammatikschreibung im 18. Jahrhundert», in Strosetzki, Christoph: *Akten des Deutschen Hispanistentages, Göttingen, 28.2.-3-3-1991*: Vervuert, Frankfurt/Main, 1993, (Studia Hispanica 2) pp. 277-297.
- Springhetti, Emilio: «Storia e fortuna della Gramatica di Emmanuele Alvares, S. J.». In *Humanitas*, vols. XIII e XIV, Coimbra, 1961-1962, p. 283-304.
- Verdelho, Telmo [dos Santos]: «Historiografia Linguística e Reforma do Ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal». Separata de *Brigantia, Revista de Cultura*, vol. II, N.º 4, Bragança, Outubro-Dezembro de 1982.
- Verney, Luís António: *Verdadeiro Método de Estudar*. Edição organizada pelo Prof. António Salgado Júnior. Volume I, Estudos Linguísticos, Livraria Sá da Costa, Lisboa: 1949.